

A análise psicológica no *True Crime*: um estudo dos podcasts *Modus Operandi* e *Assassinos em Série*

Carlos Jáuregui¹
Luana Viana²

Resumo: Este trabalho analisa dois podcasts sobre crimes reais que se propõem expressamente a discutir a atuação e a mente de criminosos. A partir da Teoria do True Crime, desenhada por Ian Punnett (2018) em torno do estudo desses textos por meio de códigos narrativos específicos desse gênero, sustentamos a existência de um código voltado para a análise psicológica de personagens desses relatos. Observamos também a emergência de um tipo específico de narrador que toma para si o papel de compreender o funcionamento e a formação das mentes criminosas.

Palavras-chave: *Assassinos em Série*; Narrativa; *Modus Operandi*; Podcasting; *True Crime*.

The psychological analysis in True Crime: a study of *Modus Operandi* and *Assassinos em Série* podcasts

Abstract: This work analyzes two podcasts about real crimes that expressly propose to discuss the actions and minds of criminals. Based on the True Crime Theory, proposed by Ian Punnett (2018) around the analysis of these texts through specific narrative codes of this genre, we uphold the existence of a code that refers to the psychological analysis of characters in these stories. We also observe the emergence of a specific type of narrator who takes on the role of understanding the functioning and formation of criminal minds.

Keywords: *Assassinos em Série*; *Modus Operandi*; Narrative; Podcasting; True Crime.

Introdução

O gênero de *True Crime* tem se mostrado uma febre no mundo do entretenimento e do jornalismo, com o aumento vertiginoso de produções sonoras e audiovisuais dedicadas a comentar e narrar crimes verídicos. No âmbito das mídias sociais, essas histórias têm obtido números relevantes e formatos variados, com um papel importante para influenciadores e podcasters que se identificam como “obcecados” por esses casos, buscando entender “o que se passa na cabeça” de criminosos brutais.

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor adjunto do curso de jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, onde participa do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor). É também membro do Grupo de Pesquisa em Sonoridades, Comunicação, Textualidades e Sociabilidade (UFMG). E-mail: carlos.jauregui@ufop.edu.br.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) com estágio doutoral na Universidade do Minho (Portugal). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (PPGCOM/UFOP) e do Núcleo de Estudos de Rádio (PPGCOM/UFRGS). E-mail: lviانا.s@hotmail.com.

Ao longo de nossa pesquisa sobre podcasts do gênero (JÁUREGUI; VIANA, 2022), essa atitude de curiosidade acerca da mente criminoso tem chamado nossa atenção. Talvez por compartilharmos dela em alguma medida ou por ela ter mostrado certa frequência quando damos *play* em um novo podcast do tipo.

É dessa percepção, na fronteira entre a perspectiva de pesquisador(a) e consumidor(a) de *True Crime*, que propomos uma reflexão acerca do papel que o debate psicológico exerce em podcasts do gênero. Para tanto, analisamos duas produções sonoras que: 1) se identificam manifestamente como exemplares do gênero; 2) integram a cartela de produtos de grupos midiáticos relevantes; 3) e se propõe de forma explícita a discutir o que se passaria na mente de pessoas capazes das piores barbaridades. São os podcasts: *Modus Operandi* (Globoplay) e *Assassinos em Série* (Parcast/Spotify).

Num primeiro momento deste trabalho, reunimos evidências da relevância da discussão psicológica na formação do gênero do *True Crime*. Em seguida, fazemos a análise das produções, tendo como principal questionamento os modos com que a discussão psicológica se apresenta nelas e como os achados se articulam com a Teoria do *True Crime* de Ian Punnett (2018). Por fim, propomos categorias analíticas que ajudam a explicar o papel que a “mente criminoso” teria no âmbito desses relatos.

O *True Crime* na podosfera

Com uma história que remonta ao menos às revistas de detetive estadunidenses do início do século XX (MURLEY, 2008; PUNNET, 2018)³, o *True Crime* vive um momento de especial interesse na última década (BOLING; HULL, 2018) e pode ser encontrado em diversos formatos como livros, séries, filmes e em variadas plataformas, como YouTube, Netflix, Spotify, entre outras. No âmbito do podcasting, é notável o impacto nos rankings de escuta em plataformas sonoras. O *boom*, que parece partir novamente dos EUA, é evidenciado pelo fato de sete programas sobre crimes figurarem entre os 20 mais ouvidos no ano de 2019 (SILVA; SANTOS, 2020). O podcast semanal *Crime Junkie* seria um dos maiores destaques, ocupando o segundo lugar em 2019 e ficando com o terceiro posto em 2020 e 2021 (EDISON RESEARCH, 2021a, 2021b).

O marco mais importante nessa onda do gênero é provavelmente o podcast norte-americano *Serial*, que até a data de lançamento de sua terceira temporada já tinha alcançado mais de 340 milhões de downloads em todo o mundo. Derivado do premiado programa radiofônico *This*

³ Desenvolvemos um panorama histórico do *True Crime* em Jáuregui e Viana (2022), partindo do cenário de industrialização e urbanização dos EUA na passagem do século XIX para o XX até a emergência da podosfera, no século XXI. Nesse percurso, ressaltamos a importância das revistas de detetive dos anos 1920 a 1940 e os entrecruzamentos nas décadas seguintes com o jornalismo. A expansão para os meios eletrônicos e digitais também foi um aspecto relevante.

American Life, o podcast obteve um notável impacto quando, em sua primeira temporada, abordou o caso de Adnan Sayed, jovem estadunidense de origem paquistanesa, que foi preso pela acusação de ter assassinado a ex-namorada Hael Min Lee, em 1999, após um processo permeado de inconsistências (BOLING, 2019)⁴.

No Brasil, um dos principais impulsionadores dessa onda foi o *Projeto Humanos*. Em sua quarta temporada (2018-2020), o podcast produzido e apresentado por Ivan Mizanzuk investigou o caso do menino Evandro Caetano Ramos, desaparecido em 1992, numa pequena cidade do litoral paraense e num momento em que o sumiço de crianças ganhava notoriedade midiática. A temporada teve 36 episódios⁵ e revelou irregularidades que levaram à prisão de pessoas que confessaram sob tortura a participação no crime e o envolvimento numa seita macabra, configurando um episódio brasileiro de pânico satânico. Em maio de 2021, o podcast já havia passado dos 9 milhões de downloads (PORTO, 2021).

Desde então, as produções nacionais se multiplicaram, destacando-se nos *charts* e gerando momentos de comoção pública. É o caso do podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, que conta a história de Margarida Bonetti, uma senhora excêntrica que vive numa mansão de aspecto deteriorado em um dos bairros mais ricos de São Paulo e que foi acusada de ter mantido uma funcionária em condições análogas à escravidão enquanto morava nos EUA entre a década de 1970 e o início dos anos 2000. Ao longo da publicação de seus episódios semanais de junho a julho de 2022, o podcast se manteve por mais de um mês como o mais ouvido do país (CHARTABLE, 21 jun. 2022), além disso, já soma quase sete milhões de downloads nas principais plataformas de áudio. Os quatro primeiros programas superaram um milhão de downloads cada um (SCHNAIDER, 2022).

O próprio podcast *Modus Operandi*, escolhido para esta análise, costuma frequentar o topo dos *charts*. No momento da produção deste artigo, é o sétimo mais ouvido no Spotify no Brasil, sendo o número um no ranking específico de *True Crime* (CHARTABLE, 11 out. 2022). Nascido independente, *Modus Operandi* teve seu primeiro episódio em dezembro de 2019, com produção, pesquisa e apresentação de Carol Moreira, Mabê Bonafé e Bel Rodrigues. Em 2020, Bel deixa a equipe e, no ano seguinte, o podcast é integrado à cartela da Globoplay (plataforma de streaming e produtora do Grupo Globo), chegando a mais de 130 episódios até o momento de produção desta análise. No Spotify, conta com a breve descrição "Podcasts de True Crime feito por

⁴ O podcast se tornou um relevante fator para que o processo de Sayed fosse reaberto. Em setembro de 2022, ele voltou à liberdade, após mais de 20 anos na prisão; em outubro, o processo foi definitivamente fechado. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-63218791>. Acesso em: 24 out. 2022.

⁵ Um episódio extra foi publicado em 2021, quando um dos suspeitos do crime decide dar sua versão dos fatos. Embora o podcast já esteja em outra temporada, é possível que outros episódios relacionados a esse caso ainda sejam produzidos.

Carol Moreira e Mabê” (MODUS OPERANDI, 2019), além da tag “Crimes reais”, usada na plataforma para identificar produtos do gênero.

A outra produção sonora escolhida para análise é o podcast *Assassinos em Série*. Ele também recebe a tag “Crimes reais” no Spotify e, embora não tenha lugar relevante no *chart* geral de escuta, encontra-se em 12º lugar no ranking específico do gênero (CHARTABLE, 11 out. 2022). É produzido pela produtora estadunidense Parcast em parceria com o Spotify⁶ e começou a ser publicado com dublagem em português a partir de janeiro de 2020. É descrito na plataforma e no site da produtora em texto que manifesta expressamente a missão de analisar a mente de célebres criminosos:

Assassinos em Série faz uma entretida e profunda análise psicológica da mente, dos métodos e das loucuras dos mais notórios assassinos em série do mundo na esperança de entender melhor seus perfis psicológicos. Com a ajuda de pesquisas intensas e exclusivas, mergulhamos em suas vidas e histórias. Assassinos em Série é uma produção da Spotify e Parcast (PARCAST, 2022, online).

Por terem formatos semelhantes, com cada episódio dedicado a um desses casos e com foco na história de vida e na mente de criminosos famosos, os dois podcasts foram escolhidos para este estudo.

O *True Crime* e a mente criminosa

A atração que a mente criminosa gera no público não é novidade para o *True Crime*. Ao traçar uma história do gênero e de seus impactos na cultura popular norte-americana, a pesquisadora Jean Murley vê a abordagem psicológica como um dos padrões que o gênero tomou na segunda metade do século do século XX:

A fórmula dos textos estadunidenses modernos de crimes reais é caracterizada por um conjunto de convenções técnicas e temáticas que se tornaram padrão durante as décadas de 1970 e 1980. Tais convenções incluem a representação de um crime ou criminoso; a preocupação com certos tipos de crimes — assassinatos domésticos, sádicos ou sexuais, assassinatos em série ou os crimes dos ricos e famosos são super-representados no gênero; um foco narrativo na história pessoal e na psicologia do assassino; um gesto simultâneo de distanciamento e identificação com o assassino; descrição dos contextos sociais e detalhes da vida comum de vítimas e assassinos; o hábil emprego da ficção disfarçada de fato (mais frequentemente usada como diálogo ou pensamentos imaginados de personagens relacionados na voz do narrador, conhecido no estudo literário como “discurso indireto livre”); um escritor que se posiciona como um “insider” nos acontecimentos, alguém a par de informações especiais sobre o caso e disposto

⁶ Em 2019, a Parcast foi comprada pelo Spotify numa movimentação que ultrapassou os 100 milhões de dólares. Disponível em: https://www.insideradio.com/free/spotify-paid-million-for-parcast-report/article_of4913f2-50cf-11e9-bfa7-9beb8do690b5.html. Acesso em 29 out. 2022.

estabelecendo um relacionamento com o assassino... (MURLEY, 2008, p. 44, tradução nossa)⁷.

Tal gesto dúbio seria identificado, inclusive, num dos maiores clássicos da literatura sobre crimes reais: *A Sangue Frio*, de Truman Capote. A autora observa que a obra, ao "... contextualizar o crime e explorar a vida e a composição psicológica do assassino em grande profundidade, ao mesmo tempo em que permite ao leitor "conhecer" o assassino, paradoxalmente fortalece a distância emocional...". (MURLEY, 2008, 57, tradução nossa)⁸.

De acordo com Murley (2008), a atitude simultânea de atração/humanização vs. distanciamento/diferenciação estaria ligada ao contexto sociocultural da sociedade norte-americana, caracterizado por uma paranoia em relação a crimes violentos. Ao saber mais sobre esses personagens, o consumidor de *True Crime* experimentaria uma sensação de segurança, como se ter acesso aos meandros dessas mentes significasse também mais recursos para sobreviver aos perigos do mundo cão:

Nas décadas de 1980 e 1990, o True Crime criou e amenizou os medos sobre assassinatos em série, e educou os consumidores da cultura pop sobre o universo forense e aspectos altamente técnicos da criminologia. Nós nos tornamos uma nação de pseudo-especialistas em crimes violentos, com muitas pessoas comuns capazes de falar de forma inteligente sobre padrões em rastros de sangue e sobre assassinatos em série "organizados" ou "desorganizados". A visão de mundo do True Crime e a poética narrativa confirmam os medos mutáveis e muitas vezes paranoidicos do público leitor sobre a violência nos Estados Unidos, aproximando o leitor ou espectador de um relacionamento mais próximo com assassinatos reais, atraindo-nos "para as mentes" de tais pessoas, ao mesmo tempo em que nos distancia da possibilidade de violência aleatória e morte. No crime real, os assassinatos geralmente são encarcerados ou executados no final da história, tranquilizando-nos com uma boa e velha reordenação do caos causado pelo crime. Por meio de estratégias representacionais que postulam certos tipos de assassinatos como "monstruosos" ou fora do reino da moralidade humana normativa, a emergência da figura do sociopata/psicopata, a criação de uma paisagem textual e visual de paranóia e medo de "estranhos perigosos", e ao retratar essas condições como um reflexo da realidade americana comum, a estética do crime verdadeiro tanto gerenciou quanto ajudou a criar medos de crime e violência... (MURLEY, 2008, p. 3-4, tradução nossa)⁹.

⁷ Do original: "The formula for modern American true-crime texts is characterized by a set of technical and thematic conventions that became standardized during the 1970s and 1980s. Such conventions include a depiction of one crime or criminal; preoccupation with certain kinds of crimes—domestic, sadistic, or sexual murders, serial killings, or the crimes of the rich and famous are overrepresented in the genre; a narrative focus on the personal history and psychology of the murderer; a simultaneous distancing from and identification with the killer; depiction of the social contexts and ordinary life details of both victims and killers; the skillful deployment of fiction masquerading as fact (most often used as dialogue or the imagined thoughts of characters related in the narrator's voice, known in literary study as "free indirect discourse"); a writer who is positioned as an "insider" on the events, someone privy to special information about the case and willing to form a relationship with the killer ...".

⁸ Do original: "Contextualizing the crime and exploring the killer's life and psychological makeup in great depth, while allowing the reader to "know" the killer, paradoxically strengthened the emotional distance from the killer".

⁹ Do original: "In the 1980s and 1990s, true crime both created and assuaged fears about serial killers, and it educated consumers of pop culture about forensics, profiling, and highly technical aspects of criminology. We have become a

Embora tal análise esteja conectada com aspectos históricos da sociedade estadunidense, partimos dela para nos questionar sua pertinência para a compreensão do *True Crime* produzido e consumido no Brasil. Um indício da relevância para o contexto local é trazido na abordagem escolhida pelo livro lançado pelas podcasters responsáveis pelo *Modus Operandi* (um dos produtos analisados aqui). A obra que se apresenta como um “Guia do *True Crime*” dedica dois capítulos à discussão de aspectos psicológicos e comportamentais de criminosos: o terceiro, intitulado “Transtornos mentais”, e o quinto, “Perfis de criminosos”. Ao longo dessas páginas, há frequentes menções a estudos e estatísticas sobre o assunto:

Segundo um estudo do psiquiatra norte-americano Michael Henry Stone de 2001 com uma amostra de 99 assassinos em série, 91% deles se encaixavam como psicopatas, 81% com transtorno de personalidade antissocial, 47% com transtorno de personalidade esquizoide — transtorno encontrado em cerca de 1% da população.

[...]

Mas é importante lembrar que nem todas as pessoas que possuem transtornos de personalidade cometem crimes, e nem todos que cometem crimes possuem algum transtorno (MOREIRA; BONAFÉ, 2022, p. 83-85).

Partindo desses indícios, analisamos, nas próximas páginas, dois podcasts que se auto-identificam com o *True Crime* e se propõem a colocar a dimensão psicológica no centro da discussão. O primeiro deles, produzido e consumido no Brasil; o segundo, produzido nos Estados Unidos, e traduzido para o português brasileiro.

A análise será feita a partir da coleta de um conjunto de elementos análogos em cada um dos podcasts: 1) o teaser ou episódio de apresentação disponível na plataforma; 2) um episódio de cada podcast voltado para a discussão acerca de um mesmo criminoso: no caso o assassino em série estadunidense Ted Bundy, que nos anos 1970 sequestrou, estuprou e matou várias jovens, confessando mais de 30 assassinatos.

Por meio da escuta e leitura dos materiais coletados, destacamos a seguir dois tipos de enunciados: 1) aqueles em que os produtos se propõem explicitamente a fazer algum tipo de debate psicológico; 2) aqueles em que se discute a psique dos criminosos ou em que é convocada alguma teoria, conceito ou vocabulário típico de disciplinas relacionadas ao estudo da mente

nation of violent crime pseudoexperts, with many ordinary people able to speak intelligently about blood-spatter patterns and “organized” versus “disorganized” serial killers. The true-crime worldview and narrative poetics confirms the reading public’s shifting and often paranoid fears about violence in America, bringing the reader or viewer into closer relationship with real killers by drawing us “into the minds” of such people, while simultaneously distancing us from the possibility of random violence and death. In true crime, the killers are usually incarcerated or executed at the end of the story, reassuring us with a good old-fashioned reordering of the chaos wrought by crime. Through representational strategies which posit certain kinds of killers as “monstrous” or outside the realm of normative human morality, the emergence of the figure of the sociopath/psychopath, the creation of a textual and visual landscape of paranoia and fear of “strangerdanger,” and by portraying these conditions as reflective of ordinary American reality, the true-crime aesthetic both managed and helped create fears of crime and violence”.

(psicologia, psiquiatria ou psicanálise)¹⁰. Em seguida, num gesto abduativo, levantamos hipóteses e articulamos os resultados dessa descrição com conceitos que têm guiado os estudos mais recentes sobre *True Crime*, em especial a proposta de códigos narrativos específicos do gênero (PUNNETT, 2018).

A análise psicológica em Modus Operandi

Para este estudo, consideramos o episódio “#00 - Modus Operandi: Enfim Chegamos”, que faz uma apresentação do podcast, e o episódio “#01 - Ted Bundy - A Glamourização do Serial Killer”.

Como era de se esperar, no episódio de apresentação, são anunciadas as pretensões de *Modus Operandi*. Já nos primeiros segundos, o objetivo de falar sobre “crimes reais” é articulado com a presença de uma especialista em criminologia¹¹ entre as três apresentadoras. Além de se proporem a falar do assunto de forma “embasada”, elas anunciam que a produção dará atenção especial à história de vida e à formação da personalidade de assassinos em série, buscando evitar uma atitude de fascinação e glamourização em torno dessas figuras. É o que constatamos no quadro a seguir:

Carol — A Mabê me procurou para falar de crimes, aí eu procurei a Bel, que é especialista em crimes [...] Ela, inclusive, estuda criminologia (EP. 00 - omin35s a omin42s).

Bel — A gente se juntou justamente pra tentar tirar essa ideia que ‘nossa, que fácil falar sobre isso, vamos botar aqui no Wikipedia e vamos falar aqui no nosso podcast’. Não, né? Tanto que a gente procura muito mais embasamento... (EP. 00 - 2min11 a 2min25)

Carol — E uma coisa que a gente vai falar muito aqui é da infância, principalmente a primeira infância. No caso de crimes como serial killers [...] assassinato e homicídio, geralmente tem muita influência de como a pessoa foi criada. Inclusive, a série *Mind Hunter*, da Netflix, fala disso, né... da descoberta dessas coisas. Quando eles tavam entrevistando serial killers, eles foram descobrindo padrões e coisas que acontecem na infância de todos eles. Então, a gente vai acabar falando muito disso aqui e pode até ser repetitivo em alguns momentos, porque a infância deles é bem parecida em geral... (EP. 00 - 4min25 a 4min49)

Quadro 1 – A proposta psicológica em *Modus Operandi*. Fonte: *Modus Operandi* (Episódio 00, dez. 2019).

A análise psicológica, assim como a convocação de vocabulário, conceitos e teorias psicológicas se anuncia já no episódio de apresentação. As apresentadoras alertam o ouvinte para não confundir a expressão que dá nome ao podcast, “modus operandi”, com a noção de “assinatura do assassino”. A primeira diz respeito a “como a pessoa faz para poder cometer o crime

¹⁰ Como pesquisadores do campo da comunicação, não nos sentimos à vontade para discutir fronteiras ou interseções entre essas áreas do conhecimento, apenas identificamos enunciados que poderiam ser familiares a elas. Nesse sentido, é preciso lembrar ainda que trabalhamos o imaginário acerca dessas disciplinas e não o que se produz de fato nelas.

¹¹ Por criminologia, entendemos o campo do conhecimento voltado para o estudo dos crimes e de suas causas, inclusive as comportamentais e psicológicas.

[...] o modo de operação” (Carol Moreira *In*: Ep1: 6min11 6min19”), enquanto a segunda teria ligação com aspectos da mente do criminoso. O episódio oo ainda discute as razões da fascinação do público por histórias chocantes de violências e, nesse ponto, já se encontram ensaios de uma análise de natureza psicológica, no esforço de entender a “mente do público”, que, por sua vez, busca entender a “mente do criminoso”.

Ao longo do episódio sobre Ted Bundy, o esforço analítico se faz mais presente, com o relato da vida do assassino, em que se relaciona o comportamento violento com a experiência de vida e a formação da personalidade na infância. A relação entre ele e a mãe é problematizada, com a alusão à psicanálise de Sigmund Freud e menção ao conceito de “Complexo de Édipo”. Seguindo por essa linha, as apresentadoras afirmam que a maioria das vítimas de Ted eram estranhamente parecidas com a sua mãe, embora em suas várias entrevistas ele não assumisse que a escolha fosse deliberada.

Chama atenção ainda o uso de termos como “narcisismo” em referência à personalidade do assassino, assim como a retomada da noção de “assinatura” introduzida no episódio oo.

Alguns enunciados exemplificadores do gesto analítico são apresentados a seguir:

Carol — ... A assinatura ou ritual é o comportamento que já não é necessário pra realizar o crime. É algo muito mais da necessidade psicosssexual do criminoso. É pra satisfação emocional dele. Então, muitos deles têm essa coisa de dominação, de possuir as vítimas [...] (EP. oo - 6min53s a 7min11s)

Bel — ... foi uma infância muito muito violenta. [...] Bom, ele cresceu vivendo uma mentira, sabe? Que ele só descobriu aos 21 anos, na real, que a irmã dele era na verdade a mãe dele, né? Só na casa dos 20 anos isso. A gente pode perceber que pautou muito dos próprios crimes dele, porque todas as vítimas eram mulheres e todas eram com a aparência muito ligada à mãe dele. Claro que a gente pode depois falar de complexo de Édipo, Freud. (EP. 1 - 2min37 a 3min16s)

Carol — ... Além de tudo, a infância dele também teve essa presença desse pai/avô dele que era muito violento ...

Mabê: — Ele espancava a avó/mãe todos os dias. Então, ele também cresceu assistindo tudo isso e, de certa forma, normalizando, né... esse tipo de comportamento. E acho que uma coisa que é interessante também, nunca chegou a ser comprovado, mas tem um lance que talvez o avô dele também seja o pai dele, porque ela teria supostamente estuprado a mãe do Ted, ou seja, a própria filha [...] Tem essa teoria que só corrobora o lar extremamente violento em que ele cresceu. E com certeza impactou na vida dele depois.

Bel — Sim, desde a primeira infância a gente percebe que ele naturalizou relacionamentos abusivos e violentos... (EP 1, - 3min50s a 4min32s)

Quadro 2 – A análise psicológica em *Modus Operandi*. Fonte: *Modus Operandi* (Episódios oo e 01, dez. 2019).

Ao longo do episódio, são relatados alguns ataques a mulheres perpetrados por Ted Bundy, com frequentes alusões a suas origens e à formação de sua personalidade. Gestos semelhantes podem ser observados no podcast *Assassinos em Série*, porém, com um investimento ainda maior na convocação de pesquisas científicas.

A análise psicológica em Assassinos em Série

Para o desenvolvimento desta análise recorreremos ao trailer do podcast, disponibilizado no Spotify em janeiro de 2020, e ao episódio intitulado “O assassino do Campus - Ted Bundy”, de fevereiro do mesmo ano. Embora a história de Ted Bundy tenha sido um caso atípico para o qual o podcast dedicou dois episódios, optamos por incluir na análise apenas o primeiro deles, de modo a manter equilíbrio entre o material do corpus.

No que diz respeito à missão de analisar a psique de assassinos, surgem declarações explícitas já nos primeiros segundos de cada episódio analisado, ressaltando-se também o esforço de pesquisa dos produtores. Alguns trechos são exemplificados a seguir:

Greg — Como um assassino escolhe as suas vítimas? O que molda a mente de um assassino em série? Eles podem ser parados ou salvos?

[...]

Greg — Eu sou Greg Polcyn

Vanessa — E eu sou Vanessa Richardson.

Greg — Nosso podcast, *Assassinos em Série*, oferece um vislumbre das mentes, métodos e loucuras de alguns dos mais notórios assassinos em série.

[...]

Greg — Toda segunda e quinta, o *Assassinos em Série* adota uma abordagem psicológica e, se podemos acrescentar, também divertida para ajudar você a entender melhor o perfil psicológico de um assassino. Com a ajuda de locutores, bem como entrevistas reais e gravações de confissão, nos aprofundamos em suas vidas e histórias. (TRAILER - ominos a 1min19s)¹²

Greg — Olá, meu nome é Greg Polsyn, e este é o *Assassinos em Série*, toda segunda e quinta-feira, vamos mergulhar na mente e na loucura dos assassinos em série. Essa semana, vamos acompanhar os assassinatos brutais cometidos por um dos mais famosos assassinos em série do século XX: Ted Bundy. (EP. TED BUNDY - 2min10s a 2min30s)

Greg — Vanessa vai falar de psicologia aqui e ao longo do episódio. Ela não é uma psicóloga ou psiquiatra licenciada, mas fez muitas pesquisas para esse programa.

Vanessa: — Obrigada Greg. Alguns pesquisadores descobriram que crianças sem pai... (EP. TED BUNDY - 4min28s a 4min45s)

Quadro 3 – A proposta psicológica em *Assassinos em Série*. Fonte: *Assassinos em Série* (Episódios “Trailer” e “Ted Bundy - O assassino do campus”, 2020).

O episódio sobre Ted Bundy traz diferentes aspectos da história de vida e da formação da personalidade do assassino, com menção a estudos e pesquisadores de psicologia e psiquiatria. Surgem assim, temas caros a esses campos, como infância, relações familiares, alcoolismo, depressão e processos traumáticos. Destacamos alguns desses trechos:

¹² Os nomes mencionados são dos apresentadores do podcast em sua versão original. Não há créditos para os dubladores da versão brasileira.

Vanessa — ... Alguns pesquisadores descobriram que crianças sem pai têm dificuldade em formar laços interpessoais profundos e podem desenvolver sérios problemas emocionais na idade adulta. Às vezes, esses indivíduos tendem a reagir agressivamente ou com raiva em situações que outras pessoas consideram neutras. Segundo especialista em saúde mental Gerald Brown, da Minnesota Psychological Association, esse comportamento decorre de uma combinação de problemas de percepção de abandono e apego... (TED BUNDY - 4min41 a 5min16)

Vanessa — [...] Mas no caso de Ted Bundy, estar sob os cuidados dos avós foi bem mais complicado do que ser criado por uma jovem mãe solteira.

Greg — Sam Cowell, o avô de Ted, era conhecido por ser um homem excepcionalmente cruel. Ele era alcoólatra, com temperamento violento e era cruel com animais. Alguns relatos afirmam que Sam chutava os cachorros da família e lançava longe os gatos do bairro pelo rabo, mas o abuso não se limitava só a animais de estimação.

Vanessa — Sam também passou por frequentes transtornos violentos na casa da família. Dizem que ele empurrou uma das filhas escada abaixo porque ela dormiu demais e ele também pode ter abusado de sua esposa, Eleanor, uma mulher tímida, que sofria de depressão e agorafobia graves. Eleanor praticamente não saía de casa... (TED BUNDY - 6min30 a 7min30)

Vanessa — Segundo a psiquiatra e pesquisadora de Harvard Judith Herman os traumas desmontam os sistemas que nos ajudam a apoiar, sejam sociais, culturais ou econômicos. Quando eventos traumáticos destroem essas proteções, ficamos sem poder; portanto, o processo de reabilitação do trauma exige reconstruir esses sistemas, restaurar o controle de nossas próprias vidas. Para Ted Bundy, sua recuperação do trauma alimentou sua segunda transformação, um renascimento, e ele estava inclinado a recuperar o poder que sentia ter sido tirado dele. (TED BUNDY - 21min25s a 22min07)

Quadro 4 – A análise psicológica em *Assassinos em Série*. Fonte: *Assassinos em Série* (Episódios “Trailer” e “Ted Bundy - O assassino do campus”, 2020).

Embora haja várias diferenças estéticas e narrativas entre os dois podcasts — o que inclui também distintas versões sobre a história de Ted Bundy —, é notável como eles se assemelham ao discutirem aspectos relativos à mente do assassino. Tal investimento é, sem dúvida, mais intenso em *Assassinos em Série*, mas após essa breve incursão no corpus, reiteramos a impressão inicial que motivou este estudo: a existência, no âmbito do *True Crime*, de narrativas com foco nas histórias de vida e nos mistérios da mente de criminosos brutais.

A partir desses achados, refletimos a seguir sobre o papel que o empreendimento de analisar a mente desses personagens teria em uma Teoria do *True Crime*.

A análise psicológica na Teoria do *True Crime*

Uma das principais contribuições teórico-metodológicas para a pesquisa sobre relatos midiáticos de crimes reais é a chamada “Teoria do *True Crime*” de Punnett (2018). Por meio da análise de textos em diferentes materialidades (impresso, televisão e mídia sonora), ele apresenta elementos típicos para a identificação e compreensão de exemplares do gênero.

O desenvolvimento de sua abordagem parte de diferentes vertentes dos estudos da linguagem, mas tem a Semiologia de Roland Barthes e a Teoria do Romance de Mikhail Bakhtin como principais fontes.

Nesse sentido, o conceito bakhtiniano de heteroglossia — também traduzido ao português como “plurilinguismo” — estaria na base da formulação, indicando que em todo fenômeno linguístico haveria entrecruzamento de outras linguagens e vozes, assim como articulação com elementos extralinguísticos (BAKHTIN, 2002). Tal rejeição à unidade e ao encerramento em si de quaisquer códigos, enunciações e textos, pode alcançar até um estatuto de pressuposto ou obviedade no estudo de textos que aproximam diferentes universos, como é o caso do *True Crime*. Constrói-se, nesses relatos, uma linguagem que trafega entre o ambiente forense, o linguajar cotidiano da vida urbana e a atmosfera folclórica que cerca histórias de mistério.

A noção de cronotopo, também importada de Bakhtin, diria respeito tanto ao enquadramento espaço-temporal do discurso quanto aos modos como relações temporais e espaciais de uma realidade são assimiladas em obras literárias. Estas incorporam e desenvolvem também os significados “emotivos-valorativos” dos cronotopos. Entre os casos mencionados originalmente pelo filósofo russo (2002), estão o castelo, no romance gótico, ou o povoado provinciano, na obra de Dostoievski. No caso do *True Crime*, os contextos sócio-históricos, geográficos e temporais teriam papel importante para a construção discursiva que sustenta o caráter factual dos relatos, mas chama ainda mais atenção a frequente assimilação e reconfiguração dos imaginários convocados por cronotopos como a delegacia, o beco deserto ou o tribunal do júri.

Outro conceito convocado por Punnett (2018) e com implicações ainda mais evidentes em sua proposta diz respeito à noção barthesiana de “código narrativo”. Embora tenha recebido diferentes abordagens ao longo da obra do semiólogo francês, é possível tomá-la de saída pela sua acepção mais básica como “um mecanismo socialmente partilhado de atribuições de sentido” (CASADEI, 2012, p. 2). A partir daí, compreenderíamos os códigos narrativos ora como um conjunto de operações que constituem os textos (e a postura do autor e do leitor), ora como operadores metodológicos que permitem vislumbrar a constituição de um texto, mesmo que este não possa ser apreendido por meio de uma estrutura única e fechada em si (os códigos revelariam, inclusive, a sobreposição de estruturas).

Punnett (2018) propõe, então, uma codificação que condiciona a produção e a leitura do *True Crime* e que poderia ser compreendida por meio de uma análise em duas etapas. A primeira delas tem relação direta com status factual reivindicado por esse tipo de narrativa, que, por meio do adjetivo “*true*”, enuncia uma verdade (ou nega uma mentira).

Chamado de “Código Teleológico (TEL)”, em função do telos de factualidade que articula tais narrativas com um mundo exterior ao texto, ele seria construído por meio da combinação de gestos de veridicção (reivindicação da verdade) e verossimilhança (semelhança com a verdade).

Uma vez “cumprido” tal gesto em direção ao factual, haveria sete códigos frequentemente presentes nessas histórias e listados a seguir:

Justiça (JUS)	Busca por justiça, seja em relação a alguém desaparecido, assassinado ou condenado injustamente.
Subversão (SUB)	Evidências são reconsideradas, pondo em dúvida processos de investigação criminal oficiais e o sistema de justiça.
Cruzada (CRU)	Defesa de transformações sociais, incorporando muitas vezes um “chamado à ação”, em articulação com JUS e SUB.
Geográfico (GEO)	Ênfase na localidade onde se passou o crime, com descrições pormenorizadas do território.
Forense (FOR)	Exposição cuidadosa de evidências judiciais e da ciência forense por trás das investigações.
Vocativo (VOC)	Afastamento da retórica de neutralidade, em prol da tomada de posição em relação aos fatos.
Folclórico (FOL)	Narrativas instrutivas, mas não necessariamente educativas, ensinando “verdades” sobre o mundo na forma de “contos de fada brutais”.

Quadro 5 – Codificação da narrativa. Fonte: Punnet (2018).

O autor ressalta, entretanto, que um exemplar do gênero não deve necessariamente ser fiel a todos esses códigos. Além disso, variações e transformações neles são esperadas, em função da diversidade de textos e das formas como o *True Crime* se relaciona com diferentes contextos históricos.

Tendo isso em vista e a partir da análise desenvolvida neste estudo, sustentamos a existência de um código de “Análise Psicológica” ou simplesmente “Psicológico - (PSI)”, que se faria presente em exemplares do gênero dedicados a discutir e compreender as “razões/motivações” que levariam alguém a cometer um crime brutal¹³.

A relevância desse gesto identificado no corpus encontraria respaldo na leitura de Murley (2008) sobre o *True Crime* e, por isso, não seria um dado totalmente novo. O que propomos a partir daqui, contudo, é a compreensão da análise psicológica como fator com o mesmo status dos códigos narrativos propostos por Punnett (2018). PSI funcionaria, inclusive, como um elemento de identidade para a classificação de um texto como um exemplar do gênero; uma hipótese que ainda precisará ser testada em futuras análises, em diversidade de corpus.

¹³ Apesar da interseção com a área da Criminologia, evitamos nomear esse código como “Criminológico - (CRI)”. Isso poderia gerar sobreposições com outros códigos, como JUS e FOR, levando, inclusive, à diluição do foco na dimensão psicológica, que buscamos ressaltar aqui, em prol de aspectos mais sociais e jurídicos da criminologia.

O narrador detetive e o narrador alienista

Embora a Teoria do *True Crime* não se aprofunde em relação à instância do narrador, esta análise incita-nos a desenvolver reflexões a esse respeito. Afinal, no contato com podcasts que se lançam à tarefa da análise psicológica, perguntamo-nos sobre as características da voz que conta uma história e nos leva para “dentro” de mentes perigosas.

Nesse sentido, é possível buscar no campo dos estudos da linguagem e da literatura noções que nos auxiliam a pensar tal categoria. Gérard Genette (1985) aponta que a voz narrativa é o que nomeia as relações entre narração e discurso e, ao mesmo tempo, entre narração e história (o discurso lançaria mão do pronome eu, que implica a existência de tu, enquanto que a narrativa em sua forma estrita seria marcada pelo emprego da terceira pessoa). Mieke Bal (1999), por sua vez, explica que narrativas são tradicionalmente identificadas pela voz do narrador, variando entre a primeira ou terceira pessoa e, em casos excepcionais, segunda pessoa.

Roland Barthes (2011), no âmbito de uma semiologia estruturalista, ressalta a natureza do narrador como uma instância “de papel” (em oposição ao autor) que se dirige a outro ser da mesma natureza: o narratário. Na construção desse diálogo entre seres de linguagem, dois sistemas se cruzam — o pessoal e o apessoal —, por caminhos que extrapolam o aparelho formal oferecido pela dêixis linguística. Assim, mesmo que um texto não contenha “eu” em nenhum momento, seria possível observar marcas pessoais; por outro lado, um relato em primeira pessoa pode jogar com o afastamento dos fatos na medida em que se constroem as estratégias narrativas.

O narrador seria, portanto, uma instância organizadora da narrativa. Ao transpor a abordagem greimasiana da enunciação para o âmbito interno do texto, Fiorin (1995) também vai nessa direção. O semioticista atribui ao narrador a função de instituir a pessoa, o espaço e o tempo da narrativa, dando vida e voz aos personagens. Também considerando tal papel organizador, Ricoeur (2006) vê o narrador ligado com o estabelecimento dos limites de uma determinada história extraída e fundada a partir de um emaranhado de outras histórias. Nesse sentido, é ele quem define “por onde começar”, o que seria crucial para todo o processo de construção do sentido.

Não temos condições de alongar-nos, neste momento, em tal discussão conceitual. No entanto, as perspectivas convocadas aqui podem ser articuladas com os panoramas históricos apresentados por Murley (2008) e Punnett (2018), de modo a munir-nos de pistas acerca das vozes que nos contam os casos mais horrendos.

O jogo entre o narrador que está dentro ou fora dos eventos narrados é frequente na exposição de Murley (2008), por exemplo. Ainda nas primeiras etapas da constituição do gênero, nas chamadas revistas de detetive, a figura do narrador era frequentemente assumida por um

profissional da investigação. Em muitos momentos, as histórias publicadas eram assinadas por investigadores reais e, mesmo que houvesse indícios ou creditações da participação de redatores profissionais¹⁴, as tramas costumavam ser contadas na primeira pessoa, representando alguém investido da vivência de quem fala da investigação vista por dentro.

Tais configurações, contudo, ganham diversidade ao longo do desenvolvimento do gênero de modo que o narrador pode trafegar entre aquele que vê os eventos como um “*insider*” ou “*outsider*” (MURLEY, 2008). Em muitos casos, tal dubiedade torna-se um elemento a mais se criar a atmosfera de mistério.

Aspectos psicológicos surgem como elementos relevantes dessas tramas, como visto no item 2 deste artigo, mas eles podem aparecer de diferentes maneiras. Ao menos nas histórias centradas na figura do *narrador detetive* em primeira pessoa, eles fazem parte do próprio processo de investigação. Afinal, a compreensão da mente de um monstro pode ser decisiva para conseguir capturá-lo. Neste caso, entendemos que o *True Crime* seria frequentemente configurado pela emergência de um *narrador detetive*.

No âmbito dos estudos de mídia sonora, a ideia de um *narrador detetive* poderia ainda encontrar pistas em estudos sobre o podcast narrativo, como no caso de Kischinhevsky (2018), que analisa o podcast *Serial* junto com outros produtos que exploram esse modo de contar histórias, e Viana (2022), que estuda as configurações narrativas da quarta temporada do *Projeto Humanos* sobre o “Caso Evandro”. Nesse cenário, recursos que visam à imersividade e à centralidade de uma figura de narrador-personagem, em primeira pessoa, mostram-se relevantes em podcasts narrativos, que, em alguns casos, são também exemplares do *True Crime*. Para Viana (2022, p. 242), esse narrador

usufrui das potencialidades da mídia sonora, e mais especificamente do podcast, para criar experiências envolventes para o ouvinte. O narrador se apodera de aspectos característicos desse novo formato de mídia para construir a narrativa e, assim, permite que o ouvinte tenha uma relação diferenciada com o material reproduzido, proporcionando um mergulho no enredo ao escutar os relatos, ao se envolver e ao se emocionar.

Em casos assim, não ouvimos apenas o relato verbal do narrador-personagem, mas temos acesso, por meio do som, a ambientes e situações em que ele estaria inserido, acompanhando uma “investigação” por dentro dos eventos de uma forma que apenas as mídias sonoras nos possibilitam. Outro aspecto importante dos podcasts de *True Crime* — conforme Viana (2022) e Jáuregui e Viana (2022) — é o fato de outras figuras, como a do repórter ou podcaster, poderem

¹⁴ A assinatura do detetive é relativa ao nível da autoria, mas entendemos que ela terá evidentes imbricações com o eu-detetive que se constrói no texto. Esse debate ainda poderá ser retomado em trabalhos futuros.

tomar o lugar do investigador. Isso seria também decorrência das aproximações e sobreposições que o gênero vivenciou, ao longo de décadas, com o jornalismo investigativo, literário e policial (MURLEY, 2008; PUNNETT, 2018).

Sendo assim, ao tomar o narrador como uma construção linguageira (e não como um ser psicossocial), seria possível englobar todas essas figuras na categoria de um *narrador detetive*, constituído pelo ato de narrar uma investigação, mesmo que ele não se assuma como um profissional de fato.

Junto à hipótese do *narrador detetive*, sentimos também a necessidade de propor a existência de uma instância narrativa especialmente dedicada a narrar a história de vida e a compreender a mente dos criminosos: o *narrador alienista*.

O uso de um termo em franco desuso e considerado inadequado ou obsoleto¹⁵ pelas disciplinas que hoje estudam a mente humana não é sem razão. De saída, assumimos a dificuldade de circunscrever as fronteiras entre psicologia, psiquiatria e psicanálise no âmbito das narrativas de *True Crime*. Não apenas por sermos de uma área externa a esses campos, mas pelo fato de narradores, como os que compõem nosso corpus, não se mostrarem preocupados com essa delimitação. De modo semelhante, a figura do alienista, que precedeu historicamente a demarcação formal dessas especialidades, trafegava sem preocupações por diferentes abordagens.

Soma-se a isso, o imaginário sócio-discursivo em torno do “alienista”, como um apaixonado por entender a mente humana — na interseção entre o diletantismo, o profissionalismo e a obsessão, tal qual observamos no célebre conto de Machado de Assis. É nesse substrato que emerge a figura de quem “não é uma psicóloga ou psiquiatra licenciada, mas fez muitas pesquisas para esse programa” (em *Assassinos em Série*), e de alguém que “estuda criminologia” e que trabalha em conjunto com duas “escritoras e podcasters” (em *Modus Operandi*).

Não negamos que narradores detetives e alienistas possam se confundir ou mesmo se combinar, mas entendemos que, em alguns casos, o foco narrativo e a própria identidade do narrador de *True Crime* se deslocam nitidamente para uma dimensão psicológica. Isso se dá, principalmente, quando os textos 1) tratam de crimes considerados como resolvidos ou não se propõem necessariamente a produzir novas evidências 2) e se empenham mais em contar a história de vida dos criminosos e debater as razões de seus comportamentos do que a explorar aspectos estritamente criminais e jurídicos desses casos.

¹⁵ O alienista era o responsável por estudar a “alienação” e tratar dos “alienados”.

Considerações finais

Neste trabalho, analisamos um tipo específico de podcast sobre crimes reais voltado para a análise da mente de criminosos e, a partir disso, levantamos hipóteses acerca da relevância e das consequências desse gesto para o *True Crime*. Desse modo, pleiteamos a incorporação de um código narrativo de “Análise Psicológica (PSI)”, no conjunto dos códigos propostos por Punnett (2018) para o gênero, e a necessidade de que essa hipótese seja testada em estudos futuros.

Em articulação com esse código, também identificamos a construção de um narrador com a missão de entender os meandros da mente criminosa, identificado como *narrador alienista*. Ele se distingue da figura heroica do *narrador detetive*, que levanta evidências e se lança numa aventura que algumas vezes pode até impactar nos rumos do trabalho da polícia ou da justiça (como ocorre no “Caso Evandro” ou em “*Serial*”). A função do alienista seria mais focada em guiar os “obcecados por crimes reais” na tarefa de compreender as fronteiras entre a humanidade e a monstruosidade, lidando com medos, pânico e paranoias num gesto tenso de aproximação e distanciamento em relação àqueles indivíduos que representam o perigo. Uma atitude que, de um lado, humaniza, mas, de outro, demarca a inadequação dos criminosos aos padrões sociais.

Junto às hipóteses levantadas, surgem ainda novos questionamentos. Se falamos de tipos narradores particulares ao *True Crime*, podemos também discutir a dimensão do narratário, suas características e os diálogos entre ele e os narradores propostos aqui.

Em outro nível de reflexão, perguntamo-nos também acerca das figuras do autor (podcaster/produtor) e do leitor (ouvinte), seus modos de constituição, interação e seus imbricamentos com os elementos já discutidos neste texto.

Um ponto importante a se considerar nesse âmbito — e já mencionado neste e em outros trabalhos — é a forma como o *True Crime* interage com terrores da vida cotidiana. No caso do público feminino, que parece ser a maioria no consumo do *True Crime* (VICARY; FRALEY, 2010)¹⁶, esses medos ainda são amplificados por aspectos estruturais de nossas sociedades e suas violências. Desse modo, se a análise psicológica é importante para “enquadrar” um criminoso na trama detetivesca ou psicológica, ela também pode ser relevante para que o público aprenda a lidar com o que a trama da vida real lhe apresenta.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editoras Hucitec, Annablume, 2002.

¹⁶ A pesquisa de Vicary e Fraley (2010) aborda o consumo de literatura, mas nos dá indícios sobre a circulação e o consumo do gênero em outras materialidades e formatos.

BAL, Mieke. **Narratology**: introduction to the theory of narrative. Toronto, Toronto University Press 2nd edition, 1999.

BARTHES, Roland. “Introdução à análise estrutural da narrativa”. In: BARTHES, Roland et al. (Org.). **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOLING, Kelli S. True crime podcasting: Journalism, justice or entertainment? **Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media**, Bristol, v. 17, n. 2. p. 161-178, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1386/rjao_00003_1 . Acesso em: 22 fev. 2021.

BOLING, Kelli S; HULL, Kevin. Undisclosed Information — Serial Is My Favorite Murder: Examining Motivations in the True Crime Podcast Audience. **Journal of Radio & Audio Media**, Philadelphia, v. 25, n. 1, p. 92-108, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19376529.2017.1370714> . Acesso em: 22 fev. 2021.

CASADEI, Eliza B. As diferentes noções de código narrativo na obra de Roland Barthes: as translações de sentido em um conceito. **Estudos Semióticos**, v. 8 n. 1, p. 1-14, jul. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49366> . Acesso em: 24 jul. 2022.

CHARTABLE. Spotify Brazil: Top Podcasts Podcast Charts - Top Podcasts - Chartable. Disponível em: <https://chartable.com/charts/spotify/brazil-top-podcasts> . Acesso em: 21 jun e 11 out. 2022.

EDISON RESEARCH. The top 50 most listened to U.S podcasts of 2020. Publicado em 09 fev. 2021a. Disponível em: <https://www.edisonresearch.com/the-top-50-most-listened-to-u-s-podcasts-of-2020/> . Acesso em: 13 jul. 2022.

EDISON RESEARCH. The top 50 most listened to podcasts in the U.S. q3 2021. Publicado em 16 nov. 2021b. Disponível em: <https://www.edisonresearch.com/the-top-50-most-listened-to-podcasts-in-the-u-s-q3-2021/> . Acesso em: 13 jul. 2022.

FIORIN, José Luiz. A pessoa desdobrada. **Alfa**, São Paulo, 39, p. 23-44, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/download/3968/3643/9690> . Acesso em: 29 out. 2022.

GENETTE, Gérard. **O discurso da narrativa**. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa, Portugal: Vega/Universidade Lda, 1985.

JÁUREGUI, Carlos; Viana, Luana. Relatos sonoros de um crime: O Caso Evandro pela ótica do True Crime. **Revista FAMECOS**, v. 29, n. 1, e41123. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2022.1.41123> . Acesso em 27 out. 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, vol. 5, número 10, pp. 74-81, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24137/raeic.5.10.24> Acesso em 21 dez. 2022.

MODUS OPERANDI: Season one. [Locução de]: Carol Moreira; Mabê Bonafé. [S.l.]: Globoplay, 27 dez. 2019. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1k2AsiW1iHQBnqOVcmmWDW> . Acesso em: 21 dez. 2022.

MOREIRA, Carol; BONAFÉ, Mabê. **Modus operandi**: guia do true crime. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

MURLEY, Jean. **The rise of true crime**: Twentieth century murder and American popular culture. Westport: Prager, 2008.

PARCAST. Parcast - Português. Disponível em: <https://www.parcast.com/parcast-portugues> . Acesso em: 29 out. 2022.

PORTO, Walter. 'O Caso Evandro' leva morte brutal e misteriosa de criança para nova série e livro. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/05/o-caso-evandro-leva-morte-brutal-emisteriosa-de-crianca-para-nova-serie-e-livro.shtml>. Acesso em: 26 out. 2022.

PUNNETT, Ian Case. **Toward a Theory of True Crime Narratives**: A Textual Analysis. Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2018. E-book Kindle.

RICOEUR, Paul. **La vida**: un relato en busca de narrador. *Ágora: Papeles de Filosofía*, v. 25, n. 2, 2006. p. 9-22. Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/1316> . Acesso em: 29 out. 2022.

SCHNAIDER, Amanda. Podcasts de true crime viram produções audiovisuais e livros. **Meio & Mensagem**, 2022. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2022/08/02/podcasts-de-true-crime-viram-producoes-audiovisuais-e-livros.html>. Acesso em: 18 out. 2022.

SILVA, Sérgio Pinheiro da; SANTOS, Régis Salvarani dos. O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa entre podcasts no Brasil e nos Estados Unidos em 2019. **Radiofonias** — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana, v. 11, n. 1, p. 49-77, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4317>. Acesso em: 25 fev. 2021.

VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcasting**: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14264> . Acesso em: 26 out. 2022.

VICARY, Amanda. M.; FRALEY, R. Chris. Captured by true crime: Why are women drawn to tales of rape, murder, and serial killers? **Social Psychological and Personality Science**, Thousand Oaks, v. 1, n. 1, p. 81-86, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F1948550609355486> . Acesso em: 25 fev. 2021.

submetido em: 04 nov. 2022 | aprovado em: 15 dez. 2022.